

YVONNE A. PEREIRA

DEVASSANDO O INVISÍVEL



*(Estudos sobre fenômenos e fatos transcendentos
devassados pela mediunidade, sob a orientação dos
Espíritos Guias da médium.)*





SUMÁRIO

Introdução	7
Nada de novo...	9
Como se trajam os Espíritos...	37
Frédéric Chopin, na Espiritualidade	57
Nas regiões inferiores...	77
Mistificadores-obsessores	95
Romances mediúnicos	107
O amigo beletrista	133
Sutilezas da mediunidade	159
As virtudes do Consolador	181
Os grandes segredos do Além	197







INTRODUÇÃO

Apresentando estas páginas ao público, nada mais fazemos que obedecer às instruções da entidade espiritual Charles, amigo desvelado que há sido o anjo bom de nossa vida. Nenhum sentimento de vaidade animou o nosso lápis, quando traçávamos fatos ocorridos com nossa própria mediunidade, pois de longa data fôramos informados de que, se eles assim se desenrolaram, isso não significava privilégio à nossa pessoa, mas porque nossa faculdade a tanto se prestava, por predisposições particulares, no desdobrar natural de suas forças; e, ademais, para que viéssemos a público testemunhar, ainda uma vez, o que outros adeptos do Espiritismo testemunharam também, visto ser de interesse geral que se patenteiem sempre, por múltiplos sinais, os fatos que o Além-túmulo, desde tempos remotos, tem concedido aos homens. Quanto escrevemos aqui, existe nos códigos doutrinários espíritas. Não se trata, pois, de obra pessoal, mesmo porque o personalismo, se se infiltrar na Doutrina Espírita, acarretará a sua corrupção, como sucedeu ao próprio Cristianismo. Não apresentamos, tampouco, frutos da nossa escolha, porquanto as observações que aqui vêm anotadas foram selecionadas pelos instrutores espírituais, e nem sequer tivemos desejo de organizar o presente volume. Cumprimos ordem do Além, apenas, como instrumentação que fomos das intuições positivas de amigos espírituais como Charles, Bezerra de Menezes, Léon Denis, Inácio Bittencourt e Léon Tolstói, que nos assistiam durante a tarefa, levando-nos a compilar recordações de ocorrências





Yvonne A. Pereira

passadas, que jaziam adormecidas, e indicando até mesmo os trechos das obras de Allan Kardec a citar, como tese, no cabeçalho de cada capítulo.

No entanto, se algo arrogamos, para nós próprios, é o direito de afirmar os fatos positivos apreciados no Invisível, aqui citados. Afirmamo-los, pois, com todas as nossas forças e convicções, porque os vimos, apresentados por nossos mentores espirituais, examinamo-los, apreciamo-los. E de tão longa data esses acontecimentos de além-túmulo se sucedem em nossa vida; e tão habituada nos achamos, no presente, à sua realidade, que o além-túmulo, para nós, deixou de ser uma sensação, para se tornar sequência diária da nossa vida... a tal ponto que, às vezes, confundimos os dois mundos, não lembrando, de momento, se tal ou qual acontecimento foi ocorrido aqui, na Terra, ou além, no Invisível; e muitas vezes acontece, outrossim, que amigos nossos, do Invisível, costumam ser confundidos, de imediato, com outros tantos da Terra...

Possam estas páginas despertar, no coração do leitor, o amor ao estudo, tão necessário, da Revelação Espírita; e que a observação e a análise se sucedam, de sua parte, ao ponto final das lições ventiladas.

Quanto a nós, continuaremos a fazer coro a um dos maiores devassadores do Invisível que a Terra conheceu – William Crookes –, quando afirmou:

“— Não digo que isto é possível; digo: isto é real!”

YVONNE A. PEREIRA

Rio de Janeiro, 13 de dezembro de 1962.





NADA DE NOVO...

36. O vácuo absoluto existe em alguma parte no Espaço universal?

Não, não há o vácuo. O que te parece vazio está ocupado por matéria que te escapa aos sentidos e aos instrumentos.

(Allan Kardec. *O livro dos espíritos*, q. 36)

Adeptos há da Doutrina Espírita que rejeitam, até hoje, a versão ultimamente muito ventilada pelos Espíritos desencarnados, por meio de obras ditadas psicograficamente, de um mundo material, invisível aos olhos carnis, mundo esse vibrátil e intenso, no qual existirá, em estado aperfeiçoado, ampliado até a vertigem, muito do que na Terra existe. Respeitamos, certamente, a opinião dos refratários a essa revelação, visto que, se é dever de qualquer cidadão respeitar opiniões alheias, ao espírita, com muito maior razão, assistirá o dever de consideração à opinião do próximo, ainda quando antagônica ao seu modo de ver e pensar. Não seria, porém, ocioso raciocinarmos sobre ensinamentos particulares aos domínios da Doutrina Espírita, raciocínios que, se nenhum proveito trouxerem à instrução que nos cumpre dilatar diariamente, ao menos nos auxiliarão no aprendizado da meditação, exercitando-nos o pensamento para voos mais arrojados.





Yvonne A. Pereira

Estas páginas, como as demais que compõem o presente volume, não são frutos do nosso raciocínio pessoal, como o não são de nossas concepções doutrinárias, visto que temos o cuidado de jamais estabelecer concepções pessoais em assuntos de Espiritismo. Certos da nossa fragilidade, renunciamos bem cedo à vaidade das opiniões próprias, para nos achegarmos aos mestres e grandes vultos da Doutrina e junto deles buscar o ensinamento seguro, aceitando igualmente o que o Invisível espontaneamente nos revela, quando concorde com os ensinamentos básicos, revelações que, algumas vezes, têm contrariado mesmo as ideias que havíamos feito sobre mais de um assunto. Temos sido, portanto, tão somente um veículo transmissor das ideias e do noticiário do Espaço, e, mercê de Deus, empenhamo-nos esforçadamente em ser passiva aos dedicados amigos invisíveis, ao se valerem da nossa faculdade. E, por isso mesmo, o que aqui se afigura escrito por nossa pena mais não será do que o murmúrio das vozes de amigos espirituais que nos dirigem o cérebro e impulsionam o lápis, depois de haverem arrebatado o nosso Espírito a giros instrutivos pelo mundo invisível, as mais das vezes.

Desde o advento da Doutrina Espírita, os nobres habitantes do mundo espiritual que se têm comunicado com os homens, por intermédio de grande variedade de médiuns, afirmam ser a Terra um pálido reflexo do Espaço. *O livro dos médiuns*, de Allan Kardec, Segunda Parte, no belo capítulo VIII – “Do laboratório do mundo invisível” – é fecundo em explicações que oferecem base para estudos e conclusões muito profundas quanto à vertiginosa intensidade do plano invisível, a possibilidade de realizações, ali, por assim dizer, “materiais”, que as entidades desencarnadas sempre afirmaram e que nos últimos tempos vêm confirmando com insistência e pormenores dignos de atenção. E no precioso compêndio *A gênese*, também de Allan Kardec, lemos o seguinte, no capítulo XIV, subtítulo “Ação dos Espíritos sobre os fluidos. Criações fluídicas. Fotografias do pensamento”:





Devassando o invisível

13. *Os fluidos espirituais, que constituem um dos estados do fluido cósmico universal, são, a bem dizer, a atmosfera dos seres espirituais; o elemento donde eles tiram os materiais sobre que operam; o meio onde ocorrem os fenômenos especiais, perceptíveis à visão e à audição do Espírito, mas que escapam aos sentidos carnis, impressionáveis somente à matéria tangível; o meio onde se forma a luz peculiar ao mundo espiritual, diferente, pela causa e pelos efeitos, da luz ordinária; finalmente, o veículo do pensamento, como o ar o é do som.*

14. *Os Espíritos atuam sobre os fluidos espirituais, não manipulando-os como os homens manipulam os gases, mas empregando o pensamento e a vontade. Para os Espíritos, o pensamento e a vontade são o que é a mão para o homem. Pelo pensamento, eles imprimem àqueles fluidos tal ou qual direção, os aglomeram, combinam ou dispersam, organizam com eles conjuntos que apresentam uma aparência, uma forma, uma coloração determinadas; mudam-lhes as propriedades, como um químico muda a dos gases ou de outros corpos combinando-os segundo certas leis. É a grande oficina ou laboratório da vida espiritual. (Grifo nosso.)*

E, no item 3, desse mesmo capítulo, encontraremos:

3. *No estado de eterização, o fluido cósmico não é uniforme; sem deixar de ser etéreo, sofre modificações tão variadas em gênero e mais numerosas talvez do que no estado de matéria tangível. Essas modificações constituem fluidos distintos que, embora procedentes do mesmo princípio, são dotados de propriedades especiais e dão lugar aos fenômenos peculiares ao mundo invisível.*

Dentro da relatividade de tudo, esses fluidos têm para os Espíritos, que também são fluídicos, uma aparência tão





Yvonne A. Pereira

material, quanto a dos objetos tangíveis para os encarnados e são, para eles, o que são para nós as substâncias do mundo terrestre. Eles os elaboram e combinam para produzirem determinados efeitos, como fazem os homens com os seus materiais, ainda que por processos diferentes.

Os próprios Espíritos ditos sofredores, até mesmo os criminosos, que se costumam apresentar em bem dirigidas sessões práticas, nararam acontecimentos reais, positivos, que no Invisível se sucedem, um modo de viver e de agir, no Espaço, muito distanciado daquele estado vago, indefinível, inexpressivo, que muitos entendem seja o único verdadeiro, quando a Revelação propala, desde o início, *um mundo de vida intensa, mundo real e de realidades*, onde o trabalho se desdobra ao infinito e as realizações não conhecem ocasos. Nas entrelinhas de grandes e conceituadas obras doutrinárias, existem claras alusões a sociedades, ou “colônias”, organizadas no além-túmulo, onde avultam *idades, casas, palácios, jardins* etc., etc. Na erudita e encantadora obra *Depois da morte*, do eminente colaborador de Allan Kardec, Léon Denis, o qual, como sabemos, além de primoroso escritor, foi um grande inspirado pelos Espíritos de escol, no capítulo XXXV, a exposição dessa tese não somente é fecunda e expressiva, como também mesclada de grande beleza, como tudo o que passou por aquele cérebro e aquela pena. Diz Léon Denis:

O Espírito, pelo poder de sua vontade, opera sobre os fluidos do espaço, os combina, dispondo-os a seu gosto, dá-lhes as cores e as formas que convêm ao seu fim. É por meio desses fluidos que se executam obras que desafiam toda comparação e toda análise. Construções aéreas, de cores brilhantes, de zimbórios resplendentes: sítios imensos onde se reúnem em conselho os delegados do Universo; templos de vastas proporções de onde se elevam acordes de uma harmonia divina; quadros variados, luminosos: reproduções de vidas humanas, vidas de fé e de sacrifício, apostolados dolorosos, dramas





Devassando o invisível

do infinito.¹ Como descrever magnificências que os próprios Espíritos se declaram impotentes para exprimir no vocabulário humano?

É nessas moradas fluídicas que se ostentam as pompas das festas espirituais. Os Espíritos puros, ofuscantes de luz, agrupam-se em famílias. Seu brilho e as cores variadas de seus invólucros permitem medir a sua elevação, determinar-lhes os atributos. (Grifos nossos.)

E ainda outros trechos desse belo volume trazem informações a respeito do assunto, bastando que o leiamos com a devida atenção, bem assim vários capítulos de outra obra sua – *O problema do ser, do destino e da dor*.

Em outro magnífico livro do grande Denis – *No invisível* –, no capítulo XXVI, há também este pequeno trecho, profundo, complexo, sugestivo, descortinando afirmações grandiosas:

Dante (Alighieri) é um médium incomparável. Sua A divina comédia é uma peregrinação através dos mundos invisíveis. Ozanam, o principal autor católico que já analisou essa obra genial, reconhece que o seu plano é calcado nas grandes linhas da iniciação nos mistérios antigos, cujo princípio, como é sabido, era a comunhão com o oculto. (Grifos nossos.)

Assim se expressa o grande inspirado Léon Denis, em suas obras, e, se mais não transcrevemos aqui, será por economia de espaço, que precisaremos atender. Do exposto, no entanto, deduziremos que *A divina comédia* não apresenta tão somente fantasias, como imaginaram

¹ N.E.: São essas *reproduções de vidas humanas* que os instrutores espirituais dão a ver aos médiuns, no Espaço, durante o sono letárgico, ou desdobramento, e dos quais se originam os romances mediúnicos, sempre tão atraentes. Vede capítulo VI.





Yvonne A. Pereira

os próprios eruditos, mas ocorrências reais do além-túmulo, que o poeta visionário mesclou de divagações, talvez propositadamente, numa época de incompreensões e preconceitos ainda mais intransigentes que os verificados em nossos dias.²

Os preciosos volumes escritos pelo sábio psiquista³ italiano Ernesto Bozzano, produto de severa análise científica, são férteis em apontar esses mesmos locais do Invisível, revelados por Espíritos desencarnados de adiantamento moral-espiritual normal, cujas comunicações, psicografadas por vários médiuns desconhecidos uns dos outros, alguns até completamente alheios ao Espiritismo, foram examinadas e cientificamente analisadas por aquele ilustre autor. Ser-nos-á impossível transcrever, aqui, muitos trechos de Bozzano a respeito, visto que em suas obras encontramos fartas observações a respeito da tese em apreço. Limitar-nos-emos a citar alguns trechos do interessante livro *A crise da morte*, no qual substancialmente noticiário encontraremos sobre o assunto, além de alguns “detalhes fundamentais” da sua análise sobre comunicações com Espíritos desencarnados. Assim é que, no “Décimo quarto caso”, analisando uma das comunicações inseridas no mesmo volume, Bozzano observa que

[...] a paisagem “astral” se compõe de duas séries de objetivações do pensamento, bem distinta uma da outra. A primeira é permanente e imutável, por ser a objetivação do pensamento e da vontade de entidades espirituais muito elevadas, prepostas ao governo das esferas espirituais inferiores; a outra é, ao contrário, transitória e muito mutável; seria a objetivação do pensamento e da vontade de cada entidade desencarnada, criadora do seu próprio meio imediato.⁴ (Grifo nosso.)

² N.E.: Dante Alighieri – ilustre poeta e pensador italiano, nascido em 1265 e falecido em 1321, autor do poema épico *A divina comédia*, considerado “uma das mais altas concepções do espírito humano”. Esse poema contém as ideias e a filosofia da Idade Média e se divide em três pontos: o Inferno, o Purgatório e o Paraíso, e figura uma viagem do poeta ao mundo invisível. Pode-se acrescentar que essa obra imortal criou a poesia e a linguagem italianas.

³ N.E.: Pessoa que estuda Psiquismo.

⁴ Nota da médium: Certa vez, durante um transporte em corpo astral, tivemos ocasião de visitar,





Devassando o invisível

Ainda na referida obra, nas “Conclusões” relativas ao último caso, leremos o seguinte, nos detalhes fundamentais:

6º) *Terem-se achado [os Espíritos recém-desencarnados] num meio espiritual radioso e maravilhoso (no caso de mortos moralmente normais), e num meio tenebroso e opressivo (no caso de mortos moralmente depravados);*

7º) *Terem reconhecido que o meio espiritual era um novo mundo objetivo, substancial, real, análogo ao meio terrestre espiritualizado;*

8º) *Haverem aprendido que isso era devido ao fato de que, no mundo espiritual, o pensamento constitui uma força criadora, por meio da qual todo Espírito existente no “plano astral” pode reproduzir em torno de si o meio de suas recordações;*

[...]

12º) *Terem aprendido que os Espíritos dos mortos gravitam fatalmente e automaticamente para a esfera espiritual que lhes convêm, por virtude da “lei de afinidade”. (Grifo nosso.)*

no Espaço, conduzida pelo Espírito de nossa mãe, uma tia falecida havia três anos, Sra. Ernestina Ferraz, de quem fôramos muito amigos e de quem recebêramos, sempre, muitas provas de dedicação e ternura maternal, sobre a Terra. Recebeu-nos em “um meio imediato”, segundo as expressões de Bozzano, criado por ela própria, pois havia um salão de visitas idêntico ao de sua antiga residência terrena, com o velho piano de carvalho que fora seu (ou a sua reprodução fluídica), e que, presentemente, se encontra em nosso poder. Aberto, com a partitura no local devido, o piano fluídico era dedilhado por sua irmã caçula, Luísa, também já falecida, a qual ela própria educara, inclusive ensinando-lhe música. Tal a realidade da criação que, talvez perturbada com a situação frisante, exclamamos, algo vexados:

— Oh, titia! O seu piano está necessitado de um reparo... está desafinado... mas prometo que o mandarei consertar...

E ela, prontamente:

— Não te incomodes, minha filha, com *este* meu piano...

Presentemente, o piano, devidamente conservado, é mantido como recordação da boa amiga que tanto nos serviu.





Yvonne A. Pereira

E ponderamos nós: Se os Espíritos dos mortos fatalmente e automaticamente gravitam para a esfera espiritual que lhes convêm, é que tais esferas existiam mesmo antes de eles para lá gravitarem, criadas, certamente, por outros Espíritos, com os quais passarão a colaborar, na medida das próprias forças. Com efeito, nos detalhes secundários, do mesmo caso, Bozzano analisa:

4º) Acham-se de acordo [as almas dos mortos] em afirmar que, embora os Espíritos tenham a faculdade de criar mais ou menos bem, pela força do pensamento, o que lhes seja necessário, todavia, quando se trata de obras complexas e importantes, a tarefa é confiada a grupos de Espíritos que nisso se especializaram.

Dentre as comunicações analisadas por Bozzano, ressaltaremos as concedidas pelo Espírito do inesquecível artista cinematográfico Rodolfo Valentino, falecido em agosto de 1926, à sua esposa Natacha Rambova, nas sessões realizadas em Nice, na França, e consideradas cientificamente muito importantes, nas quais são citados pormenores desse mundo espiritual, e que muito edificam os estudiosos. Não nos furtaremos ao prazer de oferecer ao leitor um substancial trecho das mesmas comunicações. Assim se expressa o Espírito do célebre “astro”, por intermédio da psicografia do médium norte-americano, Jorge Benjamim Wehner, dirigindo-se à sua esposa:

Aqui, tudo o que existe parece constituído em virtude das diferentes modalidades pelas quais se manifesta a força do pensamento. Afirmam-me que a substância sobre que se exerce a força do pensamento é, na realidade, mais sólida e mais durável do que as pedras e os metais no meio terrestre. Muitas dificuldades encontrais, naturalmente, para conceber semelhante coisa, que, parece, não se concilia com a ideia que se pode formar das modalidades em que devera manifestar-se a força do pensamento. Eu, por minha parte, imaginava tratar-se de criações formadas de uma matéria vaporosa; elas, porém, são, ao contrário, mais sólidas e revestidas de cores mais vivas,





Devassando o invisível

do que o são os objetos sólidos e coloridos do meio terrestre... As habitações são construídas por Espíritos que se especializaram em modelar, pela força do pensamento, essa matéria espiritual. Eles as constroem sempre tais como as desejam os Espíritos, pois que tomam às subconsciências destes últimos os gabaritos mentais de seus desejos. (Grifos nossos.)

Um livro ainda mais antigo do que as obras de Bozzano – *A vida além do véu* – obtido também mediunicamente pelo pastor protestante Rev. G. Vale Owen, tornou-se célebre no assunto, pois que o Espírito da genitora do próprio médium narra ao filho, em comunicações periódicas, *as mesmas construções fluídicas do mundo espiritual*, isto é, jardins, estradas pitorescas, habitações, cidades etc. Semelhante médium é, certamente, insuspeito, visto que, como protestante, seriam bem outras as ideias que alimentaria quanto à vida espiritual. Tais comunicações, em sua maioria, datam do ano de 1913. Convém deliciarmos, ainda, as nossas almas com alguns pequenos trechos de tão interessante livro:

— *Pode agora fazer-me o favor de descrever sua casa, paisagens etc.? – pergunta o Rev. Vale Owen ao Espírito de sua mãe.*

E este responde:

É a Terra aperfeiçoada. Certo, o que chamais quarta dimensão, até certo ponto, existe aqui, mas não podemos descrevê-la claramente. Nós temos montes, rios, belas florestas, e muitas casas; tudo foi preparado pelos que nos precederam.

Trabalhamos, atualmente, por nossa vez, construindo e regulando tudo para os que, ainda durante algum tempo, têm que continuar a sua luta na Terra. Quando eles vierem, encontrarão tudo pronto e preparado para recebê-los. (cap. I – “As regiões inferiores do Céu”)

* * *





Yvonne A. Pereira

O tecido e a cor do nosso vestuário tomam a sua qualidade do estado espiritual e do caráter de quem o usa. O nosso ambiente é parte de nós mesmos e a luz é um importante componente do nosso ambiente. Entretanto, é de poderosa aplicação, debaixo de certas condições, como podemos ver naqueles salões. (cap. II – “Cenas mais brilhantes”.) (Grifo nosso.)

Não teriam que ser demolidas [as edificações], para aproveitar-se depois o material em nova reconstrução. Seria ele aproveitado com o prédio em pé. O tempo não tem ação de espécie alguma sobre as nossas edificações. Elas não se desfazem nem se arruinam. Sua durabilidade depende apenas da vontade dos donos, e, enquanto eles quiserem, o edifício ficará de pé, podendo ser alterado ou modificado consoante seus desejos. (cap. II – “Cenas mais brilhantes”.)

[...] porque estas esferas são espirituais, e não materiais”. (cap. VI – “Comunicações de Astriel”.) (Grifo nosso.)

E o livro todo assim prossegue, em revelações belas e simples, lógicas e edificantes, o que confirma o noticiário de muitos médiuns, que também chegam a verificar tais realidades do mundo invisível durante seus desdobramentos em espírito.

No entanto, não é só. Um livro encantador, *No limiar do etéreo*, publicado em 1931, de autoria do ilustre Dr. J. Arthur Findlay, pesquisador dos fenômenos espíritas na erudita Inglaterra, que tantos excelentes investigadores do Psiquismo concedeu ao mundo, conta, no capítulo X – “Noites de instrução” –, o diálogo mantido, durante uma sessão íntima com o





célebre médium Sloan, com um Espírito que lhe respondia por meio do fenômeno da voz direta, e do qual destacamos os seguintes trechos:

P. — Poderá dizer-me algo com relação ao vosso mundo?

R. — Todos os que estão num mesmo plano podem, como já disse, ver e tocar as mesmas coisas. Se olhamos para um campo, é um campo o que todos vemos. Cada coisa é a mesma para os que se acham nas mesmas condições de desenvolvimento mental. Não é um sonho. Tudo é real para nós outros. Podemos sentar-nos juntos e gozar da companhia uns dos outros, precisamente como fazeis na Terra. Temos livros e podemos lê-los. Temos as mesmas sensações que vós. Podemos dar longos passeios por uma região e encontrar um amigo a quem não víamos desde muito tempo. Das flores e dos campos aspiramos os aromas, como vós aí. Apanhamos flores, como o fazeis. Tudo é tangível, porém, num grau mais alto de beleza do que tudo na Terra. [...]

P. — Assemelha-se à nossa a vossa vegetação?

R. — De certo modo, mas é muito mais linda.

[...]

P. — Como são as vossas casas?

R. — São quais as queremos. As vossas aí são primeiro concebidas em mente, depois do que se junta a matéria física para construí-las de acordo com o que imaginastes. Aqui, temos o poder de moldar a substância etérea, conforme pensamos. Assim, também as nossas casas são produtos das nossas mentes. Pensamos e construímos. É uma questão de vibração do pensamento e, enquanto mantivermos essas vibrações,





Yvonne A. Pereira

conservaremos o objeto que, durante todo esse tempo, é objetivo para os nossos sentidos.

Tão explicativo esse capítulo X de *No limiar do etéreo*, que temos pesar de não ser possível transcrever mais alguns trechos para as nossas páginas, os quais, acreditamos, edificariam os leitores, se se tornassem conhecidos. Também os livros recebidos pela médium Zilda Gama, ditados pelo Espírito Victor Hugo, num total de cinco boas obras, referem os mesmos noticiários, não obstante o fazerem mui discretamente, destacando-se, dentre todos, um que já se tornou célebre, porque editado em Esperanto pela FEB (tradução do Prof. Porto Carreiro Neto) e correndo o mundo inteiro: *Na sombra e na luz*.

Não relataremos aqui, por muito conhecidas dos leitores, as obras ditadas pela entidade desencarnada André Luiz, e tampouco *Memórias de um suicida*, no qual o assunto é pormenorizado com as maiores franquezas. Fica ao leitor o cuidado de estudar, portanto, as obras básicas, em geral, e as comunicações isoladas, mesmo as provenientes de entidades sofredoras, com atenção e amor, meditando e refletindo sobre tudo, sem espírito de prevenção, porque nas suas entrelinhas e nos seus detalhes encontrará referências positivas sobre o interessante assunto. E vale, ainda, declarar que não deveremos julgar sejam tais revelações realidades existentes em outros planetas. Não! Os termos dos Espíritos são categóricos: *trata-se de esferas fluídicas do mundo invisível*. Ao contrário, aos médiuns inclinados a acreditarem que aquelas descrições traduziriam a vida em diferentes planetas, os próprios Espíritos instrutores advertiram, chamando-lhes a atenção para o fato de que *não se tratava de planetas materiais, e sim do mundo espiritual*, a verdadeira pátria do Espírito.

Costumam alegar, os contraditores, que as obras ditadas mediunicamente, contendo tais conceitos, seriam mistificações (o eterno recurso, ou o escudo de que se servem aqueles que se sentem contrariados, sempre que assuntos novos e, sobretudo, inéditos, são apresentados), ou “fantasias do cérebro de médiuns ignorantes”, como se expressam





alguns, em oratórias entusiastas. Lembraremos, porém, que as obras de Léon Denis estão recheadas dessas informações, e Léon Denis, o grande continuador de Kardec, foi um filósofo, um escritor grandemente inspirado pelas forças superiores do Alto, e não um ignorante; que Ernesto Bozzano afirmou, cientificamente, a mesma coisa, após suas admiráveis análises, e Bozzano era um sábio, dos mais ilustres psiquistas do século XX; que o Rev. Vale Owen, obtendo do Espírito de sua veneranda mãe as mesmas revelações, não poderia ser um “médium ignorante”, cujo cérebro criasse extravagâncias, porque, como pastor protestante inglês, teria curso brilhante de algum seminário e nem seria espírita; que o Sr. J. Arthur Findlay era um cérebro vigilante, eminente e idôneo perquiridor do Psiquismo experimental, escritor e intelectual de renome, não podendo, portanto, ser tachado de ignorante; que Zilda Gama, em cujas obras encontramos as mesmas revelações, conquanto mais discretas, é uma professora assaz culta, e não uma “médium ignorante”; que Francisco Cândido Xavier não é douto, mas tem dado a público livros de valor incontestável, que honrariam a memória de muitos doutos, se estes pudessem escrever coisas semelhantes; e os dois Espíritos – Emmanuel e André Luiz – que a esse médium ditam as obras, têm dado testemunhos de muita lucidez e sabedoria, abordando teses variadas, sempre analisadas por pessoas cultas e muito capazes, para serem tachados de mistificadores... E que os próprios livros de Allan Kardec, oferecendo, à farta, base para todas essas revelações e noticiários, conforme citamos linhas atrás, jamais foram considerados frutos de mistificações...

De outro modo, se um médium que ama a Doutrina Espírita e por ela se sacrifica, sem outro interesse senão o de servi-la; que a tudo no mundo renuncia, a fim de conservar sua independência, para melhor se dedicar aos deveres que ela impõe, até mesmo as mais santas aspirações do coração; se um médium que moralmente se renova para Deus, por meio das mais duras provações e humilhações diárias, sofrendo ataques de adversários até no seio da própria Doutrina e padecendo, não raro, perseguições e vitupérios dentro do próprio lar; se um médium, que morreu para si mesmo, a fim de melhor ressurgir para Deus e tornar-se





Yvonne A. Pereira

digno de se comunicar com os Espíritos iluminados, no intuito de bem servir ao próximo e à Causa, não obtiver do seu Mestre Jesus Cristo e dos bons Espíritos, a quem procurou honrar, senão mistificações de tal vulto, será melhor a todos os adeptos do Espiritismo fechar os códigos da Doutrina e cuidar de vida nova! Atribuir as revelações sobre as realidades do mundo invisível a mistificações de entidades inferiores é desconhecer que, presidindo ao movimento do Consolador neste mundo – como tão bem esclareceu Allan Kardec – há um Espírito celeste, a quem o Criador outorgou direitos sacrossantos sobre a Terra, o qual não seria capaz de consentir, certamente, que essa Humanidade, pela qual Ele próprio se imolou em suplício numa cruz, fosse tão grosseiramente iludida por tanta gente, deste e do outro mundo, quando, afinal de contas, o Consolador, em si mesmo, é fruto tão só da mediunidade.

Prosseguiremos, portanto, visto que o tema é profundo, prestando-se a desdobramentos.

Quem, dentre nós, já assistiu aos últimos momentos de um moribundo poderá, muitas vezes, observar os fatos aqui ventilados. O decesso de uma criatura que retorna à verdadeira pátria – a espiritual –, tais sejam as circunstâncias, oferece lições tão elucidativas quanto comovedoras e belas. Durante o nosso longo trabalho de assistência a enfermos e moribundos, tivemos ocasião para as mais edificantes observações. Os tuberculosos, principalmente, que comumente expiram em plena consciência dos seus últimos momentos sobre a Terra, apresentam vasto cabedal para estudo.

Durante o período da agonia, eles como que desmaiam. Será o chamado estado de coma. Um tênue fio fluídico os prende, ainda, ao fardo material que vai ser abandonado. Foge-lhes a pulsação mantenedora da vida orgânica. Palidez impressionante recobre suas feições, que descaem e se enrijecem. As pálpebras cerradas encobrem os olhos, que as





Devassando o invisível

nuanças da morte já velaram de um embaciamento significativo, mas suores abundantes e fugitivo pulsar do coração avisam que não foi ainda de todo libertada a pobre alma cativa naquele corpo. Ali estão, porém, à beira do leito mortuário, a mãe angustiada, o pai acabrunhado, a esposa lacrimosa, o filho inconsolável... Um choro violento, um brado de dor pungente, a grita atormentada dos que ficam, sem poderem reter o ser amado que se vai, quebra o silêncio augusto que deve presidir à cena patética de uma alma que entrou em trabalho de libertação para a verdadeira vida. Então, o agonizante, a custo, descerra as pálpebras. Volta-lhe a pulsação, volta-lhe até mesmo a palavra. Um impulso de vontade e apego aos que lhe foram caros ao coração fá-lo reviver, por instantes, num corpo que se achava quase definitivamente abandonado. Com voz sussurrante, débil, balbucia:

— Oh! por que me chamaram?... Eu estava tão bem... em um lugar tão belo!...

Foram as frases que pronunciou, certa vez, uma jovem agonizante de 18 primaveras, a cuja cabeceira nos postávamos em prece, quando sua mãe, inconsolável, e as irmãs se debulhavam em pranto desesperado... Ouvindo-a, perguntávamos-lhe baixinho, enquanto rogávamos a assistência dos seus tutelares, para que a ajudassem a desprender-se dos pesados liames carnis:⁵

— Em que lugar te encontravas, minha filha?... Como era esse local?

Ela respondeu naturalmente, como se não fora uma agonizante:

— Ah! era um jardim, delicioso e fresco... Cheio de flores lindas e perfumosas... como nunca havia visto iguais... Um luar azul coloria-o todo...

— Viste alguém?

⁵ N.E.: Srta. Aldacira Figueiras, falecida na cidade de Barra do Pirai, estado do Rio de Janeiro, no ano de 1942, filha do Sr. Sebastião Figueiras, antigo comandante da Força Pública local, também já falecido.





Yvonne A. Pereira

— Sim... Umas sombras vaporosas me rodeavam...

— Quem eram?

— Não pude reconhecê-las... eu dormitava... estou com tanto sono...

— Estavas sentada, caminhavas?

— Não, estava deitada, assim... sobre a relva dos canteiros... É um jardim tão lindo... estou tão cansada...

Cerrou novamente os olhos e silenciou. Alguns minutos depois, expirava serena e docemente, sob nossas preces, sem que ninguém mais da família se animasse a perturbá-la na sua consoladora paz.

Na década de 1930, as revelações sobre as realidades do mundo espiritual já eram conhecidas dos adeptos mais estudiosos da Doutrina Espírita, visto que elas foram concedidas aos homens, como vimos, desde muito. André Luiz, porém, a eminente Entidade espiritual que tão substanciosos esclarecimentos nos vem ministrando por intermédio da mediunidade de Francisco Cândido Xavier, não aparecera ainda com as minudências explicativas da vida em além-túmulo. Guardávamos, pois, desencorajados de apresentá-las a público, três das nossas obras já hoje editadas,⁶ e isso em virtude de, na época em que foram as mesmas psicografadas, conhecermos poucos livros doutrinários, não tendo ainda meditado satisfatoriamente nem mesmo sobre as obras de Allan Kardec, como posteriormente os próprios instrutores espirituais nos levaram a fazer. Receávamos que as revelações nelas contidas fossem fruto de lamentável engano, e nos detínhamos, conservando as ditas obras no esquecimento, mas desencorajados de destruí-las. Também nós acreditávamos a vida espiritual abstrata, indefinível, e quando nosso Espírito era arrebatado, constatando a vida intensa dos planos espirituais, e suas belezas

⁶ N.E.: *Nas telas do infinito, Memórias de um suicida e Amor e ódio.*





ambientes, supúnhamos haver gravitado para um planeta melhor, um mundo material, tais como Saturno, Júpiter ou outro qualquer, ignorando, pela época, quão difícil é isso, tanto para um encarnado como para um desencarnado, não obstante as suposições em contrário. Nossos amigos espirituais, porém, corrigiam nosso entusiasmo interplanetário, se assim nos podemos expressar, e diziam, sem serem por nós acatados em tais asserções durante muito tempo:

— Não se trata de ambientes planetários... São realizações fluídicas do próprio Espaço... Não saíste dos ambientes terrenos... Procura aprender... Estuda, estuda...

Ora, no mês de julho de 1935, esposando nós ainda a mesma ideia, de que visitávamos outros planetas durante o fenômeno do desdobramento espiritual, tivemos a mão subitamente acionada pelo Espírito daquele que fora o nosso pai terreno, antigo médium de boas faculdades curadoras, mas cuja instrução doutrinária não passara da leitura de *O livro dos espíritos* e de *O evangelho segundo o espiritismo*, ambos de Allan Kardec. Havia ele falecido a 25 de janeiro do mesmo ano, e era a primeira vez que se comunicava mais demoradamente, tudo indicando que assim fazia no intuito de esclarecer justamente aquilo em que nos reconhecíamos equivocados. Dizia ele, psicograficamente, descrevendo as impressões vividas durante a rápida agonia que teve, e depois as estranhezas no além-túmulo:

— ...Acabei por perder mesmo os sentidos ou adormecer, não sei ao certo... e não pude ver mais nada... Quando despertei já não me encontrava deitado em meu leito, o que me surpreendeu, pois não me lembrava de tê-lo abandonado antes. Fui despertando com lentidão. Eu ouvia e percebia muita coisa, mas confusamente, e não me podia mexer nem abrir os olhos, e sentia frio. Parecia antes um entorpecimento, que se desfizesse aos poucos, em vez do despertar de um sono, o estado em que me encontrava. Sentia-me sentado em uma cadeira de balanço e compreendia que fora transportado para local muito aprazível, fresco, ameno. O dia estava lindíssimo, com um céu muito claro, Sol faiscante, e suave brisa baloiçava





Yvonne A. Pereira

uns galhos de flores trepadeiras, que eu vagamente percebia junto de mim, os quais cheiravam muito agradavelmente, pois me encontrava em uma espécie de varanda orlada de trepadeiras floridas, em uma casa igualmente aprazível, mas desconhecida para mim. Fazia muito silêncio e eu me encontrava só. O único rumor partia do orquestrar longínquo de uns pássaros, verdadeira melodia que ressoava aos meus ouvidos com delicadeza e ternura.⁷ A princípio, imaginei encontrar-me em casa de minha cunhada Ernestina, onde havia também uma varanda e pássaros cantadores presos em gaiolas. Posteriormente, porém, verifiquei tratar-se de uma residência fluídica de além-túmulo, onde morava minha mãe e onde eu próprio iria residir como desencarnado...

Mais adiante, continuava a narrativa, recordando as primeiras impressões de recém-liberto:

— Não compreendia bem o que se passava. Espreguicei-me muito, pois sentia os órgãos (do perispírito) meio entorpecidos. Bocejei e tossei com estrondo, como habitualmente fazia, e fumei um cigarro.⁸ O dia era tão lindo, com a atmosfera mesclada de azul, que me levantei reanimado, e debrucei-me à varanda, a fim de apreciar a paisagem. Sentia-me bem de saúde, nenhum mal-estar físico me importunava. Procurei ver os pássaros, que continuavam a cantar, mas não consegui avistá-los. Aspirei os perfumes das flores trepadeiras e pus-me a assoviar minhas melodias preferidas. Sentia-me satisfeito e não pensava absolutamente nada. Dir-se-ia que minha mente repousava. Li, depois, um jornal, ali mesmo, na varanda, e tomei uma xícara de café, como de hábito. Penso que me encontrava assaz abstraído, pois não percebi quem me servira o café e me obsequiara com o jornal... Resolvi, então, fazer um passeio, o que havia muito não me era permitido; mas, subitamente, lembrei-me de que não deveria fazê-lo, porque me encontrava debilitado, doente... Pus-me a lembrar de tudo o que se passara comigo mesmo, nos últimos tempos, e a

⁷ N.E.: A Entidade comunicante amava os pássaros e costumava deter-se longo tempo a ouvir o cântico dos canários que possuía, quando encarnada.

⁸ N.E.: Vede *O livro dos médiuns*, cap. VIII – “Do laboratório do mundo invisível.”





Devassando o invisível

confusão estabeleceu-se... e terminei desconfiando que algo irremediável, mas muito importante, adviera em minha vida... A morte é tão simples, tão pouco diferente da vida, que opera essa confusão... Em geral se espera encontrar, depois da morte, coisas fantásticas, imaginárias, impossíveis e pouco lógicas, ao passo que, em verdade, o além-túmulo nada mais é que a continuação da vida que deixamos... Pelo menos, assim o foi para mim. O senso da responsabilidade, o exame angustioso dos deméritos, assim como o reconforto do dever que se observou, somente advêm mais tarde...

Alongam-se os detalhes, narrando a presença de entidades amigas, que de início não reconheceu, e conclui:

— Então, surpreendido, vi mamãe aproximar-se de mim, caminhando ao longo da varanda. Trajava longo vestido branco e achei-a bonita e rejuvenescida, tal como na época em que enviudara, isto é, nos seus 25 anos. Curvou-se afetadamente diante de mim, para cumprimentar, como se desejasse brincar, e exclamou risonha: “Louvado seja Deus, meu filho! Que boa surpresa, você poder vir para junto de sua mãe!...” Somente então, caindo em mim, recebi um como choque de espanto, como quem desper-tasse de um marasmo mental, e compreendi o que se passava. Em rápido rememorar, deslizou à minha imaginação tudo quanto ocorrera, tal se uma faixa luminosa reproduzisse diante dos meus olhos as cenas que eu necessitava ver para meu esclarecimento: meu corpo inerte dentro de um caixão mortuário, vocês chorando por mim, meu enterro humilde e pobre, e minha sepultura coberta de flores ainda frescas. Havia três dias que se dera o decesso. Então, eu chorei também, comovido e amedrontado...

“... O lugar em que vivo é uma pequena ‘cidade’ pobre, mas pitoresca. Muito aprazível, sossegada, indicada para a convalescença daqueles que, como eu, atravessaram uma existência de penúrias e provações, e convidativa para a meditação e a reorganização das ideias para as futuras tentativas espirituais e terrenas. Há, aqui, jardins, lagos e rios muito belos e muito azuis, como refletindo o céu, tal como os daí. Tenho observado, no entanto, que nem os rios nem os lagos serão propriamente formados pela água,





Yvonne A. Pereira

como aí. Dir-se-ia tratar-se de gases singulares, de líquidos fluidificados que imitariam ou equivaleriam às águas terrenas. Silêncio constante, só quebrado pelo cântico de mil pássaros, que não se deixam ver. Como ainda não trabalho, pois sou convalescente de uma existência de sofrimentos e amarguras intensas, faço passeios e admiro as belezas do ambiente, o qual, não obstante modesto, é o que de mais agradável eu poderia aspirar. É uma coisa tão linda e singular que me faltam palavras para descrevê-la... Não pensei, quando ‘vivo’, pudesse alguém residir em local assim, depois de desencarnado, e ainda não compreendi bem como pode ser tudo isso... Mas o Dr. Carlos⁹ diz que farei um estudo sobre todos esses assuntos e os compreenderei integralmente, muito em breve, porquanto este ambiente em que vivo é espiritual, e não planetário...”

Presentemente, esse Espírito, que em 1935 assim se expressava, encontra-se internado em um “Reformatório” do Invisível, para fazer um curso, ou aprendizado, de cuja natureza não fomos informados, mas tendo em vista uma próxima encarnação, em que grandes responsabilidades lhe caberão.

Um raciocínio sereno, ponderado, isento de prevenções levar-nos-á a concluir, por tudo isso, que o mundo invisível não poderia, mesmo, ser uma abstração, o vácuo onde nada existisse, pois semelhante hipótese seria a negação do próprio Poder divino, seria quase o “nada” dos negativistas, depois da morte. A própria qualificação “mundo invisível” está a indicar que algo existe, sim, mas que os olhos carnis do homem são impotentes para contemplar. De outro modo, declarando os Espíritos esclarecidos, como sempre o fizeram, que a vida de além-túmulo é intensíssima, real; que lá as entidades desencarnadas (e até as encarnadas, com especialidade as almas aplicadas a um desejo de progresso mais rápido ou a um ideal a favor da Humanidade) fazem aprendizados, estudos variados, realizam tarefas e missões acerca de causas nobres e a bem do próximo; que existem regiões no Espaço (esferas)¹⁰ interditas

⁹ Nota da médium: A entidade espiritual Charles, Espírito-guia da família.

¹⁰ N.E.: *O livro dos espíritos*, q. 87 e 402.





Devassando o invisível

a entidades inferiores, pontos onde se aglomeram Espíritos de sábios, e ainda outros onde se reúnem artistas etc., necessariamente estarão afirmando, em essência, que na vida espiritual existirá tudo o que necessitaremos para a realização dos mesmos aprendizados, estudos, tarefas e missões. E se tudo isso existe, por que não existirão as demais realidades que vêm sendo reveladas desde sempre?... Ao demais, todos os Espíritos que se referem à vida do Além asseveram não encontrar palavras bastante expressivas para descreverem não só a intensidade, como a harmonia e a beleza do mundo espiritual. Suas palavras, as descrições que fazem desses locais, ou criações do Invisível, e que dão a ver aos médiuns, estes só poderão transmitir empalidecidas pelo constrangimento da palavra humana, tão pobre e imperfeita que até mesmo as regiões mais simples do plano astral não são descritas a contento.

Para transmitirem o que até hoje há sido trazido às criaturas pelos guias espirituais, é-lhes necessário criar imagens para os médiuns, imagens estas subordinadas ao grau de concepção e poder assimilativo dos mesmos, o que obrigará à própria faculdade mediúnica uma operação mental, um jogo de tradução, se de tal expressão nos poderemos servir, que nem sempre reproduzirá com fidedignidade as informações e os esclarecimentos que o Espírito comunicante pretende prestar. Ainda assim, para que tais coisas se façam, verdadeiras torturas serão necessárias ao médium e ao seu instrutor espiritual. Em primeiro lugar, o médium deverá redobrar esforços no sentido de renovar-se, moral e mentalmente, durante o período de adestramento das faculdades, a fim de, na época oportuna, conseguir fácil intercâmbio com a Espiritualidade mais alta, comunhão que terá de ser constante, permanente, por meio dos atos cotidianos, e não somente às horas de trabalho objetivo, de modo a que a permuta de vibrações o prepare satisfatoriamente para o melindroso ministério e o conserve unido a seus dedicados mentores espirituais.

Tal como esclarecem os códigos da Doutrina Espírita e a prática da mediunidade confirma, suas vibrações, suas faculdades em geral, no momento do intercâmbio mediúnico, terão de ser potenciadas ao





Yvonne A. Pereira

máximo que sua natureza física, psíquica e mental suportarem, o que para ele equivalerá a uma operação transcendental algo torturante, enquanto a entidade instrutora comunicante deverá rebaixar suas próprias vibrações e demais faculdades, até equipará-las, ou harmonizá-las, com as do médium, o que, igualmente, para aquela entidade, será como tortura e uma abnegação dignas do nosso respeito e da nossa veneração. Em tais ocasiões, o médium poderá entrever o mundo invisível. Frequentemente ele o percebe... e o que aí enxerga ou apreende não consegue explicar integralmente, porquanto não dispõe o cérebro humano dos necessários recursos para uma transmissão perfeita. Durante suas fugas em corpo astral, pelo Espaço afora, o que ele vê e presencia, com seus guias, não é, de forma alguma, um aglomerado de sombras, o vácuo ou o invisível inexpressivo.¹¹ É, sim, uma vida intensa, real, ativa, superior, espiritualizada, na qual o que existe é superlativamente melhor e mais belo do que o existente na Terra, referência feita aos planos felizes do mesmo Invisível. Está acima de tudo quanto o seu cérebro pudesse inventar, pois não percamos de vista o fato de que, geralmente, os médiuns não têm cultura intelectual tão sólida para poderem criar, por si mesmos, assuntos dos quais, às vezes, jamais ouviram falar, senão vasto cabedal psíquico armazenado, em sua subconsciência, desde passadas existências, fáceis de seus guias-instrutores acionarem, a fim de poderem transmitir, ou compreender, o que veem.

De tudo quanto a respeito observamos, e do que a Revelação Espírita nos participa, chegaremos, pois, às conclusões seguintes, as quais,

¹¹ N.E.: Em muitas reuniões de experimentação, é frequente o médium que obtém a comunicação, ou outros que a elas assistem, distinguirem o panorama ou os ambientes mentais que circundam o Espírito comunicante. Recentemente, em certa sessão para cura de obsessões, realizada em um Centro Espírita do Méier, estado da Guanabara (RJ), durante a manifestação do Espírito de um infeliz ébrio, que atuava sobre um pobre homem, chefe de numerosa família, impelindo-o à embriaguez, eram vistos, pelos médiuns presentes, um barril de aguardente e um cenário como de taverna, enquanto forte cheiro de álcool, percebido por todos os presentes, se derramava pela sala. Na cidade de Pedro Leopoldo (MG), em uma sessão do Grupo Meimei, na qual tomava parte o conceituado médium Francisco Cândido Xavier, em março de 1956, comunicava-se, por um dos médiuns presentes (Geraldo Rocha), o Espírito de um bispo católico. Essa Entidade não só se deixou ver, por várias das pessoas presentes, envergando trajes sacerdotais, como também o ambiente em que vivia como desencarnado: um belíssimo recanto de Catedral, com os vitrais fluindo luzes multicores de grande efeito.





Devassando o invisível

para a maioria dos adeptos do Espiritismo, não serão, certamente, surpreendentes novidades:

As construções do meio invisível são edificadas com as essências disseminadas pelo Universo infinito, para a realização dos desígnios da Providência a nosso respeito, isto é, para a criação de quanto seja útil, necessário e agradável ao nosso Espírito, quer se encontre este sobre a Terra, reencarnado, ou fruindo os gozos da pátria espiritual; trata-se do fluido cósmico universal, ou de certas modificações deste, de que se origina o fluido espiritual; do éter fecundado, fonte geradora de tudo quanto há dentro da Criação, inclusive os próprios planetas materiais e o nosso perispírito.

Daremos a essas realizações espirituais o nome que quisermos, ou que a pobreza da nossa linguagem puder interpretar. O certo é que tais essências, tais fluidos são tão reais, tão concretos para os desencarnados como os elementos do mundo em que vivemos o são para nós. Unicamente, os desencarnados construirão, no mundo espiritual, de maneira bem diversa daquela que empregamos na Terra. No Espaço, como, aliás, na Terra, a vontade é soberana; o pensamento é motor, é produtor, é criador. Reúne-se, por exemplo, um grupo, uma falange de Espíritos evoluídos, que resolvem criar uma comunidade social no Espaço, destinada a acelerar seus trabalhos e iniciativas em prol do progresso e do bem comum. São espiritualmente homogêneos, dotados de elevadas capacidades morais, intelectuais e artísticas, além de serem técnicos no assunto. Seus pensamentos vibram uníssonos, do que resultam irradiações e movimentações poderosas, coordenadoras, intensas até o deslumbramento e o incompreensível para nós outros, os mortais inferiores. Eles já teriam programado o que desejavam produzir: uma escola para a reeducação geral de Espíritos frágeis que delinquiram nas experiências terrenas; um asilo ou reformatório, um hospital para o reajustamento mental ou vibratório de pobres sofredores que partiram da Terra envoltos em complexos deploráveis; um palácio para reuniões solenes, uma cidade. A força motora dos seus pensamentos poderosamente associados e disciplinados, irradiando energias cuja natureza o homem ainda não poderá conceber,





Yvonne A. Pereira

agirá sobre aqueles fluidos e essências e edificará o que antes fora delineado e desejado. Comumente, esse trabalho é lento e requer perseverança para o seu aperfeiçoamento. Será tanto mais rápido quanto maiores forem as potências mentais criadoras reunidas. Essas criações, tais como forem – belas, artísticas, verdadeiros trabalhos de ourivesaria fluidica, deslumbrantes, mesmo, por vezes – obedecerão, no entanto, às recordações ou gosto estético dos operadores, *razão por que se parecem com as da Terra, sem que as da Terra se pareçam com elas*, como afirmou algures a ilustre entidade espiritual André Luiz, pois que muito mais perfeitas são elas do que os homens julgam.

Não obstante, somos levados a julgar, graças às mesmas observações a que nos conduz a Revelação, que essas edificações não serão permanentes nem fixas em uma determinada região. Serão antes móveis, transplantando-se para onde se faça necessária a presença da falange que as criou. Serão passíveis de se dissolverem sob o desejo dos seus criadores, ou de se modificarem segundo as conveniências. Se essa falange receber em seu seio discípulos e pupilos, estes poderão tornar-se cooperadores, exercitando os próprios poderes mentais na criação de detalhes, sujeitos ao veredicto dos mestres, e assim progredirão em saber, desenvolvendo forças latentes, evoluindo e se engrandecendo, pois tudo isso é caminhar para a perfeição.

Tratando-se de entidades inferiores, dá-se idêntico fenômeno de criação mental, não obstante a diferença impressionante na direção criadora, uma vez que estes operadores ignoram sejam os ambientes que os rodeiam criações de suas próprias mentes, pois que o feito também se poderá operar à revelia da vontade premeditada e intencional, sob o choque emocional da mente exacerbada, bastando apenas que seus pensamentos trabalhem ou se impressionem com imagens fortes, como acontece com os suicidas, que vivem rodeados de cenas macabras de suicídio. Certamente que, deseducadas, criminosas, muitas vezes dadas ao mal, com suas irradiações mentais contaminadas pelo vírus de mil prejuízos, essas entidades se cercarão, no além-túmulo, de criações





Devassando o invisível

grosseiras, dramáticas, mesmo trágicas, que a elas mesmas horrorizam, pois que eivadas de todas as artimanhas e ciladas oriundas dos pensamentos inferiores. E, reunidos tais Espíritos em grupos e falanges, em virtude da lei de similitude, que os leva a se atraírem uns aos outros, terão criado, então, seus próprios infernos, suas próprias prisões, seus antrós ignóbeis, a que nada sobre a Terra poderá assemelhar-se. E os criam servindo-se das mesmas forças motoras do pensamento, agindo sobre as mesmas essências, os mesmos fluidos, as mesmas ondas vibratórias do éter. Tais, porém, sejam as necessidades de interesse geral, essas regiões, e com elas os Espíritos inferiores, seus criadores, serão localizadas em um ponto ermo do Invisível ou da Terra mesma, temporariamente, a fim de que eles se não imiscuam com os homens e vislumbrem, na forja dos sofrimentos, o imperativo de regeneração e progresso. É a isso que os instrutores espirituais denominam “Invisível inferior”, porque nós outros precisaremos de alguma expressão, de um vocábulo para nos apossar dos ensinamentos fornecidos pelo Espaço.

Nós mesmos, as criaturas encarnadas, estaremos dentro de “regiões” criadas pelo nosso pensamento, além de permanecermos na crosta do planeta. Nossos pensamentos estarão estereotipados, concretizados pelo poder motor das nossas energias mentais atuando sobre os fluidos sublimes em que mergulha o Universo criado pelo Todo-Poderoso, embora não se trate de movimento tão intenso nem tão real como os de um desencarnado. Todavia, ainda assim, é devido a isso que os desencarnados surpreenderão o que pensamos, o que são o nosso caráter e o nosso sentimento, as nossas intenções e tendências, pela natureza das “edificações” mentais que nos acompanham. “*O Reino de Deus está dentro de vós*”,¹² asseverou o Cristo. E nós outros certamente poderemos acrescentar: “E também o nosso inferno!”

Eis por que nossos guias espirituais, tal como a advertência invariável das filosofias religiosas, nos aconselham a educar nossas mentes,

¹² N.E.: Lucas, 17:21.





Yvonne A. Pereira

impelindo-as para as nobres e elevadas expressões da alma. É que visam a guiar-nos para um estado vibratório futuro, no além-túmulo, que nos abrigue de desditas e vexames. A tese, como bem se percebe, é complexa, intensa até a vertigem... pois tudo o de que tratamos aqui se desdobra em modalidades e matizes infinitos, e não será em uma crônica ligeira que a poderemos desenvolver perfeitamente, muito embora o façamos sob orientação dos mentores espirituais.

Ora, foi-nos dito pelo divino Mestre que *éramos deuses...*

Sim, somos deuses! Possuímos, sim, em modesta dinamização, mas passível de se desenvolver, pela ação do progresso, o gérmen de todos os atributos que o Ser Todo-Poderoso possui em grau supremo e infinito. Aí está um desses atributos – o poder mental criador – que há passado despercebido a muitos de nós! Nosso pensamento é, pois, criador, porque é centelha do pensamento supremo; por conseguinte, cria, em torno de nós mesmos, pequenos universos e mundos para nossa ventura, necessidade ou desdita, enquanto não aprendemos a utilizar as energias superiores para fins sublimes. Nas próprias ações e realizações meramente terrenas, não é o pensamento o primeiro a tudo planejar mentalmente, para em seguida edificar objetivamente?... Porventura, quando um grupo de homens resolve construir um palácio ou uma cidade, ou ainda qualquer empreendimento grandioso, não foi a sua mente que primeiro agiu e esboçou a obra, sob a ação da própria vontade? Quando a lavoura do linho ou dos cereais triunfa, dando-nos seus primorosos produtos, sustentando a vida do homem, não se serviu este, primordialmente, da sua mente, para conseguir a grande vitória? E quando, no além-túmulo, falanges de Espíritos elevados se reúnem para criar, com as forças mentais, essas “colônias”, que fazem?...

Estudam, habilitam-se, exercitam-se em aprendizados sublimes, através dos tempos... Até que, um dia, Espíritos imortais, já glorificados pelo domínio de excelsas virtudes, sejam capazes de criar também um planeta, uma habitação para as experiências redentoras de uma





Devassando o invisível

Humanidade em marcha para o progresso – tal como Jesus em relação à Terra, no princípio das coisas deste mundo, dentro das leis e da orientação da Criação suprema.

Tais estudos, todavia, pertencentes à iniciação superior do Espírito – e apenas vislumbrados, no momento terreno, pelas almas fortes –, serão de preferência realizados na vida invisível, onde muito se dilatam as capacidades de compreensão da criatura. Dia virá, porém, em que, na própria Terra, tais conhecimentos serão banais, como banal é o estudo da Geografia... pois, efetivamente, não passa de um estudo geográfico mais vasto... ampliado até a quarta dimensão... ou ao estado fluídico transcendental...

* * *

De posse de tão importantes cabedais, fornecidos pela Nova Revelação, que é o Espiritismo, o que temos a fazer não é acoirar de ignorantes, intrujões e mistificadores os médiuns que os têm recebido do mundo espiritual, mas procurar estudar, investigar e devassar, a fim de que a Verdade se patenteie, para proveito de todos, imitando os verdadeiros sábios e psiquistas, como Allan Kardec, William Crookes, Frederick Myers, Léon Denis, Ernesto Bozzano, Robert Dale Owen, J. Arthur Findlay, Cesare Lombroso, Alexander Aksakof e tantos outros luminares de coração simples, aos quais o orgulho não cegou...



